

A importância do acento para a caracterização da palavra fonológica

The importance of stress to the characterization of the phonological word

Caio Gutemberg da Silva Petronilho

Graduando em Letras pela Universidade Federal de Lavras (UFLA).
E-mail: silvapetronilhoc@gmail.com

Fábio Luiz de Castro Dias

Graduando em Letras pela Universidade Federal de Lavras (UFLA). Bolsista de iniciação científica PIBIC-UFLA. Membro e pesquisador do Grupo de Estudos Discursivos sobre o Círculo de Bakhtin (GEDISC/UFLA/CNPq).
E-mail: castrodias.f.l@gmail.com

Resumo: Este artigo objetiva demonstrar, mediante pesquisa bibliográfica, que o acento tem importante papel na caracterização de uma palavra fonológica. Consideram-se as contribuições de Mattoso Camara Jr. (1975), de Magalhães e Battisti (2017), bem como os trabalhos de Hora e Matzenauer (2017), Seara, Nunes e Lazzarotto-Volcão (2015), Tenani (2017), Bisol (2004, 2013) e Silva (2015). Do ponto de vista metodológico, são observados os princípios de Lima e Mioto (2007). Constatou-se que as relações de proeminência sonora mediadas pelo acento são imprescindíveis à existência de uma palavra fonológica. Percebeu-se, também, que, no contínuo sonoro da fala, o número de palavras fonológicas pode ser desigual à quantidade de suas correspondentes morfológicas, em virtude das fronteiras fluidas impostas à palavra fonológica pela organização acentual.

Palavras-chave: Acento. Palavra fonológica. Relações de proeminência sonora.

Abstract: This article aims to demonstrate, through bibliographic research, that stress plays an important role in the characterization of a phonological word. The contributions of Mattoso Camara Jr. (1975), Magalhães and Battisti (2017), as well as the works of Hora and Matzenauer (2017), Seara, Nunes and Lazzarotto-Volcão (2015), Tenani (2017), Bisol (2004, 2013) and Silva (2015) are considered. From the methodological point of view, the principles of Lima and Mioto (2007) are observed. It was found that the relations of sound prominence mediated by stress are essential to the existence of a phonological word. It was also noticed that, in the continuous sound of speech, the number of phonological words may be unequal to the number of their morphological correspondents, due to the fluid boundaries imposed on the phonological word by the stress organization.

Keywords: Stress. Phonological word. Sound prominence relations.

1 Considerações iniciais

Em diferentes territórios epistemológicos, pode-se, com certa facilidade, atestar a importância do conceito de palavra. Do mesmo modo, é possível observar que tal noção é impregnada de complexidade. Desde a filosofia até a linguística, passando pela teoria literária, a sua definição se dá de maneira variada, em consonância com os

diversos períodos históricos e com os posicionamentos científicos nos quais suas várias acepções surgiram. Logo, é comum que cada ponto de vista opere com caracterizações bastante específicas desse conceito.

Um clássico exemplo encontra-se na ideia saussuriana de signo linguístico, que se compõe de um significante e de um significado. Para o estudioso suíço, considerado fundador da linguística como ciência, o signo é “a combinação do conceito e da imagem acústica” (SAUSSURE, 2012, p. 107), e, de acordo com o raciocínio empregado em seu *Curso de linguística geral* (1916), esse termo pode ser vinculado à noção de palavra.

O tratamento dado a esse conceito pelos diversos ramos dos estudos linguísticos e pelos diversos posicionamentos que compõem os estudos do discurso é bastante particular, uma vez que cada um deles delimita uma acepção de palavra a partir de seus pressupostos teóricos e de suas necessidades analíticas.

Um importante problema teórico para os estudiosos do componente sonoro das línguas é a definição da *palavra fonológica*. No decorrer do século XX, alguns trabalhos buscaram delinear esse conceito, através da diferenciação entre o vocábulo fonológico e o vocábulo formal, como propôs Camara Jr. (1975). Além disso, os estudos fonológicos também apresentam preocupação com a identificação das propriedades sonoras que delimitam as fronteiras entre as palavras fonológicas, e, nesse processo, um elemento particular da organização sonora das línguas possui papel de destaque: o *acento*.

Portanto, este artigo objetiva, por intermédio de uma pesquisa bibliográfica (LIMA; MIOTO, 2007), discutir a importância do acento para a formação da palavra fonológica, possuindo, como arcabouço teórico, as formulações elaboradas por dois ramos da fonologia: a estruturalista e a métrica. Para isso, consideram-se as contribuições de Mattoso Camara Jr. (1975) e Magalhães e Battisti (2017), bem como de outros pesquisadores da linguística, tais como Hora e Matzenauer (2017), Seara, Nunes e Lazzarotto-Volcão (2015), Tenani (2017), Bisol (2004, 2013) e Silva (2015).

Debates como o proposto por este trabalho se configuram como de grande importância para o aprimoramento dos estudos fonológicos, uma vez que possibilitam a discussão sobre a formulação de caminhos teóricos que permitam uma compreensão mais acurada dos variados fenômenos apresentados pela sonoridade da linguagem.

A esta introdução, seguem-se as seguintes seções: a) objetivos, em que são apresentadas as hipóteses e o escopo deste trabalho; b) metodologia, em que são demonstrados os caminhos assumidos para a realização dos objetivos; c) discussão teórica, em que as perspectivas escolhidas são apresentadas e discutidas; e d) considerações finais, em que algumas conclusões são tecidas. Encerra este texto a lista de referências.

2 Objetivos

O presente trabalho elegeu as seguintes hipóteses: 1) o acento é importante para a formação da palavra fonológica? 2) no contínuo sonoro da fala, o número de palavras fonológicas equivale ao de palavras fonológicas? 3) qual é a importância do conceito de acento para pesquisas realizadas em torno da palavra fonológica?

Tais hipóteses foram testadas através de uma pesquisa bibliográfica, cujos pressupostos metodológicos são expostos na próxima seção. Objetiva-se, portanto, investigar a validade das hipóteses, de modo a contribuir com a reflexão empreendida pelos estudos fonológicos.

3 Metodologia

Para a realização deste trabalho, recorreu-se à elaboração de uma pesquisa de caráter bibliográfico, que, segundo Lima e Miotto (2007), tem na revisão de literatura um pré-requisito indispensável. Essas autoras advogam que “a pesquisa bibliográfica implica em um conjunto ordenado de procedimentos de busca por soluções, atento ao objeto de estudo, e que, por isso, não pode ser aleatório” (LIMA; MIOTTO, 2007, p. 38). Os princípios metodológicos ensinados por elas foram observados, como a necessidade de contextualização histórica das obras, a realização de seu enquadramento enquanto objetos ideológicos e uma comparação exploratória de suas propriedades qualitativas.

Posto isso, uma vez delimitado o objetivo deste trabalho – constatar a importância da organização acentual para a instauração da palavra fonológica –, foi fixada a necessidade de investigar, em trabalhos produzidos no âmbito de teorias fonológicas que se dedicaram a estudar as relações de proeminência sonora, como a estruturalista mattosiana¹ e a métrica, a existência de subsídios teóricos a partir dos quais se pudesse atingir tal escopo.

Para tanto, foram consideradas as contribuições da descrição fonológica de cunho estruturalista legada pelo importante linguista brasileiro Joaquim Mattoso Camara Jr (1975), bem como as considerações sobre a fonologia métrica elaboradas por Magalhães e Battisti (2017), ponderadas em conjunto com alguns pressupostos presentes em outros trabalhos, tais como os de Hora e Matzenauer (2017), Seara, Nunes e Lazzarotto-Volcão (2015), Tenani (2017), Bisol (2004) e Silva (2015).

A leitura das obras selecionadas, ainda segundo Lima e Miotto (2007, p. 41), foi realizada de maneira reflexivo-interpretativa, ou seja, de modo a “ordenar e sumarizar as informações”, compreender “as afirmações do autor e [...] o porquê dessas afirmações”, e “relacionar as ideias expressas na obra com o problema para o qual se busca resposta”, para, com base nela, “responder aos objetivos da pesquisa”. A discussão empreendida por este trabalho foi realizada com base nesses princípios.

4 Discussão teórica

As teorias fonológicas são diversas e heterogêneas². Do mesmo modo, são bem distintos os aspectos focalizados por elas para explicar determinados fenômenos sonoros. Assim, nem sempre uma perspectiva proporrá uma conceituação de palavra fonológica, uma vez que dentro dela se desenvolve um quadro teórico-metodológico

¹ Expressão que se refere à descrição linguística elaborada por Joaquim Mattoso Camara Jr., cunhada por Kehdi (2004, p. 107).

² Sugere-se, como leitura fundamental, o livro *Fonologia, fonologias: uma introdução* (HORA; MATZENAUER, 2017), que realiza ímpar percurso pela multiplicidade das teorias fonológicas.

em que se apresenta apenas o material conceitual necessário à realização dos seus objetivos analítico-explicativos particulares.

É inegável a importância do conceito de palavra fonológica para a compreensão de determinados fenômenos sonoros que ocorrem nas línguas. Alguns posicionamentos no campo da fonologia discutiram esse conceito, possuindo, como princípio basilar, as relações acentuais.

No panorama de perspectivas que compõem as teorias fonológicas, dois posicionamentos elaboraram reflexões que são importantes para a discussão relativa à identificação de uma palavra fonológica: a fonologia estruturalista, cujo máximo expoente brasileiro foi Joaquim Mattoso Camara Jr., e a fonologia métrica, que se debruça especificamente sobre a organização acentual das línguas.

4.1 A palavra fonológica para a perspectiva estruturalista mattosiana

Mattoso Camara Jr., importante linguista que realizou, ainda nos anos 1950, uma descrição aprofundada do sistema fonológico do português brasileiro, apresenta, em *Estrutura da língua portuguesa* (1975), após a apresentação das vogais, das consoantes e do sistema silábico da língua portuguesa, robusta discussão sobre o que é o acento e qual é o seu papel na caracterização de uma palavra fonológica.

Para o autor, o entendimento do vocábulo fonológico³ depende intimamente da caracterização do que é o acento, que consiste em “uma maior força expiratória, ou intensidade de emissão, da vogal de uma sílaba em contraste com as demais vogais silábicas” (CAMARA JR., 1975, p. 53).

O linguista salienta, também, que o acento possui, no português, “tanto a função distintiva quanto a delimitativa” (CAMARA JR., 1975, p. 53). Em outras palavras, além de se responsabilizar pela distinção entre significados de palavras, como no clássico exemplo “sábia / sabia / sabiá” (SEARA, NUNES; LAZZAROTTO-VOLCÃO, 2015, p. 127), ele é, também, aquele que se encarrega da instauração, no contínuo sonoro da fala, de fronteiras entre as palavras fonológicas. Por isso, Camara Jr. (1975, p. 53) afirma que a presença do acento “assinala a existência de um vocábulo fonológico”.

O autor prossegue, indicando que a intensidade de emissão que caracteriza o acento apresenta graus, chamados por ele de “marcas acentuais” (CAMARA JR. 1975, p. 53) aos quais se atribuem os números 0, 1, 2 e 3.

O primeiro grau (0) é atribuído à sílaba postônica, isto é, a sílaba que sucede a tônica.

O segundo grau (1) é atribuído à sílaba pretônica, entendida como aquela que se localiza em posição imediatamente anterior a uma sílaba tônica.

O terceiro grau (2) é atribuído à sílaba tônica que, no contínuo sonoro, principalmente em agrupamentos de palavras de uso frequente, possui força menor que outra sílaba tônica emitida em seu entorno. A atribuição desse grau pode ser

³ Termo utilizado por Camara Jr. (1975). Tanto em *Estrutura da língua portuguesa*, quanto neste artigo, é sinônimo para palavra fonológica.

observada no exemplo (1)⁴, adaptado de Camara Jr. (1975, p. 53), em que se representa, na primeira linha, a divisão silábica das palavras e da expressão, e, na segunda, as marcas acentuais recebidas pelas sílabas. Elas e seus graus são separados por pontos.

(1)

gran.de
3.0

a.mor
1.3

gran.dea.mor
2.1.3

Nesse exemplo, fica demonstrado que a marca acentual 2, segundo Mattoso Camara Jr., pode ser atribuída somente no contínuo da fala – momento no qual dificilmente as palavras são proferidas isoladamente – e representa as sílabas tônicas que, na frase, recebem ênfase ligeiramente menor, uma vez que, no português, em enunciados neutros⁵, apenas a sílaba tônica da última palavra do sintagma ou da frase recebe a proeminência mais alta (TENANI, 2017, p. 112). Além disso, pode-se observar que a sílaba postônica da palavra *grande* e a sílaba pretônica da palavra *amor* ocupam, no plano da divisão silábica, o mesmo lugar, e, nesse cenário, a carga acentual da pretônica prevalece, por ser maior.

Finalmente, o quarto grau (3) é atribuído à sílaba tônica de palavras isoladas, bem como à sílaba tônica de maior proeminência em unidades superiores à palavra (como sintagmas e frases). Logo, só haverá uma unidade, em qualquer seção da hierarquia prosódica⁶, dotada da marca acentual de grau máximo.

Essa proposta de classificação das marcas acentuais, aliada à constatação da função delimitativa do acento, permite inferir que, no contínuo sonoro, há tantos vocábulos fonológicos quantos sejam os acentos primários (grau 3) e secundários (grau 2) nele presentes, em conformidade com o exposto no exemplo (2).

(2)

e.la./sa.iu./de./ca.sa./on.tem
2.0.1.2.0.2.0.3.0

⁴ Preferiu-se, na redação das palavras, evitar a transcrição fonética, uma vez que ela não se faz imprescindível à compreensão dos exemplos.

⁵ Descritos por Tenani (2017) como sentenças não focalizadas, isto é, que não apresentam qualquer tipo de ênfase prosódica específica. O deslocamento do acento frasal promovido pela focalização prosódica é o responsável pela diferença de sentido entre os enunciados “O José voltou da escola” (neutro) e “O José voltou da escola” (focalizado).

⁶ “Disposição das unidades prosódicas em níveis de constituição” (SILVA, 2015, p. 132), isto é, a existência de unidades prosódicas distintas, organizadas em níveis distintos, e aos quais correspondem fenômenos fonológicos específicos.

Nesse exemplo, são dispostas cinco palavras morfológicas⁷, cujo critério de separação é o uso das barras, enquanto, porém, figuram quatro palavras fonológicas, indicadas pelas marcas acentuais 2 e 3, destacadas em negrito.

O que explica essa discrepância, segundo Camara Jr. (1975) e Bisol (2004), é a existência, no português, de clíticos, isto é, palavras morfológicas que, no plano sonoro, não apresentam acento e que, por isso, não são palavras fonológicas. Esse é o caso da preposição *de*, que é átona e que se opõe, em virtude da função distintiva do acento, ao verbo *dê*, que é tônico e que constitui, no contínuo sonoro, palavra fonológica.

Logo, observa-se que, no âmbito da fonologia estruturalista posta em prática por Camara Jr., em primeiro lugar, é imprescindível o papel do acento para a constituição de palavras fonológicas, e, em segundo lugar, inexistência correspondência exata, binária, entre o número de vocábulos fonológicos e o de vocábulos morfológicos em um enunciado. Preposições, conjunções e alguns pronomes do português são classificados como clíticos justamente por serem palavras morfológicas, delimitadas formal e graficamente, às quais não se vinculam, no contínuo da fala, palavras fonológicas autônomas. Na língua falada, é bastante comum que haja um número de vocábulos fonológicos desigual à quantidade de vocábulos morfológicos.

É inegável o caráter inovador da descrição fonológica empreendida por Mattoso Camara Jr., bem como a atualidade de seus conceitos. Entretanto, uma vez que existe ampla diversidade de teorias fonológicas, surgidas desde o século passado, fica claro que, nesse âmbito, figuram outras perspectivas que elegeram o acento como unidade de estudo e que se dedicaram à caracterização e à análise dos fenômenos acentuais que ocorrem nas línguas.

Nesse afã, destacam-se os postulados da fonologia métrica, que se propôs, por sua focalização na organização acentual, à avaliação da atuação das relações de proeminência na formação das unidades fonológicas como a sílaba, a palavra, o sintagma e a sentença.

4.2 A fonologia métrica e a centralidade do acento na organização fonológica

Para Magalhães e Battisti (2017, p. 93), a fonologia métrica, surgida na década de 1970 e desenvolvida nos anos posteriores, possui como objeto de estudo “o acento, derivado das relações de proeminência, ou seja, da alternância entre elementos

⁷A palavra morfológica é conceituada por Camara Jr. (1975), e é também por ele chamada de vocábulo formal. Segundo o autor, essa unidade é caracterizada graficamente, pois “deixa-se entre eles [os vocábulos formais] um espaço em branco” (p. 59), bem como morfológicamente, sendo atribuída a condição de palavra às chamadas formas livres, que podem ocorrer sozinhas em uma sentença, como em *O que você quer? / Flores*. Nesse exemplo, o vocábulo “flores” é uma forma livre e, por isso, é considerada um vocábulo morfológico. As chamadas formas dependentes (artigos, preposições, conjunções e alguns pronomes), embora não constituam uma sentença autônoma, são, por imposição das regras da língua escrita, separadas por espaço, o que lhes confere a condição de palavras morfológicas ao lado das formas livres. Não são vocábulos formais as formas presas, os morfemas, que se ligam para a formação de palavras (CAMARA JR, 1975, p. 59-60).

acentuados e não acentuados”. Os autores pontuam que essas relações podem ser analisadas em diversos domínios do componente fonológico, “desde os menores, como a sílaba, até as unidades maiores, como a frase” (MAGALHÃES; BATTISTI, 2017, p. 93).

Além disso, deve-se considerar que a organização acentual é relacional, isto é, “deriva da relação que unidades [...] estabelecem umas com as outras” (MAGALHÃES; BATTISTI, 2017, p. 93). Nota-se, então, que a atribuição de proeminência surge em pares que, durante a análise métrica, têm suas unidades rotuladas de maneira binária: uma é forte (F), enquanto a outra é fraca (f). Ainda sobre isso, Bisol (2013, p. 283) afirma que, para a fonologia métrica,

o acento está relacionado à maneira com que os elementos são agrupados em árvores métricas de ramificações binárias, desenvolvendo como constituintes uma relação de dependência entre os nós de rótulo forte (s) e os de rótulo fraco (w) de tal modo que unicamente sobre (s) venha a incidir o acento primário.

Esse procedimento é estendido aos demais níveis da organização sonora, de modo a delimitar unidades acentuadas e não acentuadas em dado material fônico, conforme é possível observar no exemplo (3), adaptado de Magalhães e Battisti (2017, p. 94).

(3)

3	F			
2	f		F	
1	F	f	F	f
	pas	sa	tem	po

A palavra *passatempo*, tida nesse exemplo de maneira isolada, apresenta quatro sílabas, que, na primeira fase (1) da análise métrica, são observadas em pares, em que as unidades são classificadas como fortes ou fracas. Esse procedimento é mantido na segunda fase (2) da análise, em que o termo *tempo* é reconhecido como o forte e *passa* recebe o rótulo de fraco. A palavra inteira, por não interagir com outra unidade, recebe o rótulo F na última fase da análise (3).

Após essa etapa, ocorre a identificação dos nós métricos, que, além de identificarem a sílaba tônica da palavra, refletem os graus acentuais apresentados pelas unidades. A primeira sílaba, *pas*, possui os nós F-f-F; a segunda, *sa*, possui os nós F-f-f; a terceira, *tem*, possui os nós F-F-F; a quarta, *po*, possui os nós F-F-f.

A sílaba tônica da palavra, dotada de acento primário, é aquela em que somente incidem os nós de caráter F. No caso em tela, a unidade com mais alta proeminência é a terceira sílaba, *tem*. O acento secundário é determinado pela unidade em que há a segunda maior quantidade de nós F. Nessa situação, figuram as sílabas *pas* e *po*. Três critérios oferecem a possibilidade de se determinar qual delas é aquela que possui o acento secundário:

O primeiro é a consideração de postulados já consolidados pelos estudos fonológicos sobre a organização sonora do português. Sabe-se que, nessa língua, as sílabas pretônicas são pronunciadas mais intensamente que as postônicas, em virtude de a emissão sonora apresentar uma trajetória crescente-decrescente, na qual a sílaba tônica se configura como um pico de sonoridade que ofusca a proeminência da sílaba que a sucede.

O segundo, com base nos princípios formulados pela fonologia métrica, é o entendimento de que a sílaba *po* não pode ser dotada de acento secundário, já que em um par métrico não podem figurar dois elementos fortes. Com base nos dois primeiros critérios, há indícios convincentes de que a sílaba portadora de acento secundário é *pas*, ainda que compartilhe a mesma quantidade de nós fortes com a sílaba *po*.

O terceiro critério, de acordo com Magalhães e Battisti (2017, p. 94-95) consiste na consideração de outros métodos de notação métrica, propostos por pesquisadores da área, e que favorecem a identificação inequívoca do acento secundário. Entre os métodos propostos, destaca-se o modelo só-grade (*grid only*), que

propõe atribuir marcas horizontais sobre todas as unidades num primeiro nível estrutural. A partir desse primeiro nível, apenas as sílabas com alguma proeminência recebem novas marcas, até que se identifique a unidade mais forte e sejam gerados intervalos regulares entre elementos fortes e elementos fracos, revelando, assim, a alternância. A diferença entre esta representação só-grade e aquela com árvore é que, agora, não há necessidade de rótulos F e f, já que, na grade, as linhas verticais das marcas captam diretamente a alternância entre as projeções (MAGALHÃES; BATTISTI, 2017, p. 95).

Através dessa outra notação, é possível identificar mais facilmente os acentos primários e secundários na palavra *passatempo*, conforme se expõe no exemplo (4).

(4)

			x	
	x		x	
	x	x	x	x
	pas	sa	tem	po

De baixo para cima, na primeira linha, todas as sílabas são marcadas; na segunda, os pares são analisados de modo a identificar elementos proeminentes (marcados) e átonos (não marcados), observando o princípio da alternância; na terceira, somente a sílaba tônica da palavra é marcada. Logo, restam seguramente identificados o acento primário (incidente em *tem*, que possui três marcas) e o acento secundário (incidente em *pas*, que possui duas marcas).

A fonologia métrica foi desenvolvida ao ponto de delimitar um quadro conceitual amplo e robusto, que propõe a existência de unidades fonológicas autônomas (como os pés métricos) e de diversos princípios que balizam as relações de proeminência na sonoridade das línguas. Os padrões de alternância acentual atestados por esses estudos concordam com a hipótese da função delimitativa do acento,

preconizada por Mattoso Camara Jr. (1975), bem como fornecem subsídios teóricos para a delimitação da palavra fonológica, que, no âmbito sonoro, possui fronteiras menos nítidas que aquelas delimitadas nos componentes morfológico, lexical e sintático.

No exemplo (5), tem-se a aplicação desse método métrico a uma sentença, de modo a identificar as proeminências silábicas, o número de palavras fonológicas e o acento frasal.

(5)

							<u>x</u>	
	<u>x</u>		<u>x</u>		<u>x</u>		<u>x</u>	
	x	x	x	x	x	x	x	x
	a	me	ni	na	gos	ta	de	do ce

Na primeira linha da análise (de baixo para cima), todas as sílabas são marcadas. Em seguida, na segunda linha, são marcadas apenas as sílabas tônicas das palavras. O artigo *a*, presente na expressão *a menina*, recebe marcação nessa linha pelo fato de, isoladamente, ser tônica, opondo-se à preposição *a*. Do mesmo modo, a preposição *de* não recebe marcação por ser átona quando tida isoladamente, assim como pelo fato de que, em respeito ao princípio métrico da alternância, não pode haver sucessão imediata de duas unidades proeminentes. Na terceira linha, é marcada a sílaba que, no contexto frasal, é a mais intensamente pronunciada.

As marcações sublinhadas e sem negrito (x), presentes na segunda linha e correspondentes às sílabas tônicas das palavras, identificam, em virtude da função delimitativa do acento, as palavras fonológicas, que, na sentença em questão, totalizam quatro. As palavras morfológicas, por sua vez, são cinco. Aparece novamente a figura do clítico⁸, que não se configura como uma palavra fonológica. Na perspectiva métrica, a existência de clíticos, que são termos não proeminentes, pode ser explicado pela incidência do princípio da alternância, já que é comum que esses termos ocorram ao lado de unidades proeminentes.

Silva (2015, p. 170), em seu *Dicionário de fonética e fonologia*, oferece definição que vai ao encontro da discussão empreendida por este artigo. Para a autora, a palavra fonológica é uma “unidade prosódica assumida ser um domínio de aplicação de fenômenos fonológicos. É um dos níveis da hierarquia prosódica”. A partir desse verbete, entende-se que a palavra fonológica é uma unidade prosódica pelo fato de que uma característica suprasegmental⁹, o acento, é a responsável por sua instauração. Além disso, determinados fenômenos atestados no componente sonoro da linguagem

⁸ Palavras morfológicas às quais não correspondem palavras fonológicas, conforme exposto por Camara Jr. (1975) e discutido na seção 4.1.

⁹ Silva (2015, p. 207) define como suprasegmental o “nível de representação em que os elementos analisados se sobrepõem aos segmentos consonantais e vocálicos do nível segmental”. Em outras palavras, é o âmbito da fonologia imediatamente superior aos sons isolados e às sílabas.

ocorrem somente nesse nível da organização prosódica, como a existência de discrepância entre o número de palavras fonológicas e de palavras morfológicas.

A discussão empreendida até aqui permite a elaboração das seguintes conclusões: a) no plano da sonoridade linguística, as relações acentuais são fatores imprescindíveis à caracterização de palavras fonológicas; b) no contínuo sonoro da fala, nem sempre haverá correspondência entre o número de palavras fonológicas e o de palavras morfológicas; c) a palavra fonológica se instaura sob a influência do seu delineamento morfológico, mas suas fronteiras são fluidas, o que explica a recorrente discrepância entre os seus limites e os da palavra nos demais componentes da linguagem; d) ao menos duas teorias fonológicas que se debruçaram sobre as relações de proeminência fornecem subsídios que corroboram essas afirmações.

5 Considerações finais

Este trabalho buscou, a partir de uma pesquisa bibliográfica que investigou postulados da fonologia estruturalista e da fonologia métrica, demonstrar que as relações de proeminência sonora, mediadas pela figura do acento, são importantes fatores da instauração, no contínuo sonoro, de palavras fonológicas. Para tanto, foram apresentados postulados importantes dessas perspectivas, como o conceito de acento, as propriedades acentuais na organização sonora, os graus de proeminência e alguns meios de notação métrica.

Através da discussão empreendida, percebeu-se que o acento é imprescindível na caracterização de palavras fonológicas. Além disso, foi possível observar que as palavras fonológicas não ocorrem em quantidade exatamente idêntica à apresentada pelas suas correspondentes morfológicas, pois suas fronteiras são dotadas de delimitação fluida, característica bastante própria da língua falada. Isso permite evidenciar que qualquer investigação que se debruce sobre a constituição da palavra fonológica e sobre os processos sonoros que envolvem essa unidade linguística deve considerar o papel da organização acentual, uma vez que ela apresenta centralidade dentro desse âmbito.

Referências

BISOL, Leda. Mattoso Camara Jr. e a palavra prosódica. *D.E.L.T.A.*, São Paulo/SP, v. 20, n. esp., 2004, p. 59-70.

BISOL, Leda. O acento: duas alternativas de análise. *Organon*, Porto Alegre/RS, v. 28, n. 54, 2013, p. 281-321.

CAMARA JR., Joaquim Mattoso. A acentuação e o vocábulo fonológico. In: CAMARA JR., Joaquim Mattoso. *Estrutura da língua portuguesa*. 5. ed. Petrópolis: Vozes, 1975, p. 52-55.

HORA, Dermeval da; MATZENAUER, Carmen Lúcia (Orgs.). *Fonologia, fonologias: uma introdução*. São Paulo/SP: Contexto, 2017.

KEHDI, Válter. A sintaxe em Mattoso Câmara. *D.E.L.T.A.*, São Paulo/SP, v. 20, n. esp., 2004, p. 105-127.

LIMA, Telma; MIOTO, Regina. Procedimentos metodológicos na construção do conhecimento científico: a pesquisa bibliográfica. *Katál*, Florianópolis/SC, v. 10, n. esp., 2007, p. 37-45.

MAGALHÃES, José; BATTISTI, Elisa. Fonologia Métrica. In: DA HORA, Dermeval; MATZENAUER, Carmen Lúcia (Orgs.). *Fonologia, fonologias: uma introdução*. São Paulo/SP: Contexto, 2017, p. 93-107.

SAUSSURE, Ferdinand. *Curso de linguística geral*. Tradução de Antonio Chelini, José Paulo Paes e Izidoro Blikstein. 28. ed. São Paulo/SP: Cultrix, 2012.

SEARA, Izabel; NUNES, Vanessa; LAZZAROTO-VOLCÃO, Cristiane. *Para conhecer fonética e fonologia do português brasileiro*. São Paulo/SP: Contexto, 2015.

SILVA, Thais Cristófar. *Dicionário de fonética e fonologia*. São Paulo/SP: Contexto, 2015.

TENANI, Luciani. Fonologia Prosódica. In: DA HORA, Dermeval; MATZENAUER, Carmen Lúcia (Orgs.). *Fonologia, fonologias: uma introdução*. São Paulo/SP: Contexto, 2017, p. 109-123.